DOI: 10.59771/teocon.2025v1.e025002

A igreja de Corinto e a oposição ao apóstolo Paulo em 1 Coríntios

The Church of Corinth and the opposition to the apostle Paul in 1 Corinthians

Adriano Masiero Neto[1]
https://orcid.org/0009-0007-8031-8463

Lucas Merlo do Nascimento[2]
https://orcid.org/0000-0003-1014-9936

Resumo: A primeira carta de Paulo aos coríntios é um escrito fascinante que desvela a ação pastoral de Paulo em meio a conflitos e oposições. É visível um problema da igreja com a autoridade do apóstolo e, também, com o seu evangelho. Por isso, o presente artigo tem como objetivo estudar a Igreja de Corinto e a oposição ao apóstolo Paulo em 1 Coríntios. Para isso, analisa o contexto sobre a cidade de Corinto, abrangendo questões culturais, religiosas, sociais e morais e a fundação da comunidade nesta cidade. Em seguida, investigam-se os problemas na igreja bem como o fator central desses problemas, compreendendo a influência do pensamento grego de tipo sofista na comunidade. E, por fim, ressalta-se a resposta paulina aos seus acusadores desmoronando a soberba e o culto às personalidades.

Palavras-chave: Paulo; Corinto; Oposição a Paulo.

Abstract: Paul's first letter to the Corinthians is a fascinating piece of writing that reveals his pastoral actions amidst conflicts and opposition. The church's problem with the apostle's authority and his gospel is evident. This article, therefore, aims to investigate the Church of Corinth and the opposition to the apostle Paul in 1 Corinthians. To this end, it analyzes the context of the city of Corinth, covering cultural, religious, social, and moral issues, as well as the foundation of the community in this city. It then investigates the problems within the church and the central factor of these problems, understanding the influence of Greek sophistic thought in the community. Finally, it highlights Paul's response to his accusers, dismantling pride and the cult of personalities.

Keywords: Paul; Corinth; Opposition to Paul.

[1] Mestrando da Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, Pr, Brasil. E-mail. adriano.ead@isbl.org.br
[2] Doutor em Teologia pela PUC-PR. Professor da Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, Pr, Brasil. E-mail. lucas.merlo@ftsa.edu.br

Introdução

Na primeira carta canônica de Paulo aos Coríntios são visíveis os problemas na igreja e a forte oposição a Paulo e seu evangelho. Compreender esses conflitos e oposições conduz a uma leitura precisa dos propósitos da carta e torna evidente as ironias do apóstolo em determinadas passagens, bem como as correções feitas por ele a determinados comportamentos.

Nesse contexto, este artigo investiga a oposição a Paulo na igreja de Corinto, conforme descrito em sua primeira carta canônica direcionada à comunidade. Tendo em vista alguns problemas relativos à autoridade do apóstolo, elucida-se como surgem os opositores, o que os influencia, como afetam a totalidade da igreja e qual a postura de Paulo em relação às suas propostas.

Considerando a oposição à autoridade de Paulo na comunidade de Corinto juntamente com os problemas internos da igreja, o artigo leva a alguns questionamentos: Quais são as informações existentes sobre a cidade de Corinto? Como foi a chegada de Paulo à cidade? Como se deu a fundação da igreja em Corinto? Quais os problemas internos da comunidade? Quais os grupos existentes, o que o caracteriza e qual a resposta de Paulo às suas indagações? Essas perguntas nos induzem à questão central que permeia todas as outras: em que consiste a oposição a Paulo na comunidade de Corinto no contexto de sua primeira carta canônica à comunidade e qual é a sua reação a esses conflitos?

Tendo em conta os problemas internos da igreja, surgem algumas hipóteses: 1) Os problemas dos coríntios giravam em torno da autoridade de Paulo e sua compreensão do Evangelho; 2) Uma antiga carta enviada pelo apóstolo havia causado mal-estar na igreja, gerando oposição a Paulo; 3) Havia uma forte influência helenista na intelectualidade da igreja, ocasionando distúrbios teológicos; 4) Os opositores paulinos criam ser os "*pneumatikoi*" e terem alcançado o estado de "perfeitos"; 5) No seio da comunidade, poderia estar se desenvolvendo o denominado "*gnosticismo incipiente*".

O artigo divide-se em três partes. Na primeira investiga-se a cidade de Corinto e a fundação da Igreja no contexto da segunda viagem missionária de Paulo. Na segunda, são expostos os problemas na igreja e a oposição ao apóstolo e, por fim, analisa-se a reação de Paulo frente aos seus opositores.

A cidade de Corinto e a fundação da igreja

A cidade de Corinto é muito antiga, já existindo antes da chegada dos gregos dóricos, no início do primeiro milênio a.C. (Bruce, 2003, p. 242). Ela está localizada no istmo de Corinto, mais especificamente no lado norte do monte Acrocorinto, controlando as vias terrestres entre a Grécia central e o Poloponeso. Era considerada uma cidade rica e diversificada em termos religiosos.

A cidade foi destruída em 146 a.C[3]., quando seus habitantes se rebelaram contra a invasão romana. Lúcio Múmio, que conduzia o exército romano, arrasou a cidade e confiscou suas riquezas para o Império. A população foi reduzida à escravidão e o lugar ficou abandonado por quase um século. Júlio César a reconstruiu em 44 a.C., ocasião em que ela se tornou uma colônia romana intitulada *Colonia Laus Lulia Corinthiensis* (Bruce, 2003, p. 242)[4]. Sua imponência e magnitude logo voltaram a se impor, tornando-se uma cidade próspera, cheia riqueza e luxúria.

Devido à presença de muitas pessoas na cidade por ocasião de negócios e viagens marítimas, era evidente certa inclinação para os vícios, especialmente sexuais. Platão utiliza a expressão "*garota coríntia*[5]" como eufemismo para "prostituta" e Aristófanes (c. 450-385 a.C.) chega a cunhar o termo *korinthiazesthai,* "agir como um coríntio", em alusão a adultério (Hafemann, 2008, p. 281).

Contudo, isso não implica que Corinto fosse completamente degenerada. Foulkes salienta que a antiga cidade era importante centro de arte e cultura, renomada pela beleza de seus monumentos, "estátuas e grandiosos templos de mármore" (Foulkes, 1996, p.39). A qualidade de seus artigos de bronze era famosa.

No tempo de Paulo, Corinto possuía uma população considerável, sendo a terceira maior cidade depois de Roma e Alexandria. Muitos de seus habitantes eram romanos, dentre eles servos alforriados. A comunidade judaica local era grande,[6] com "o direito de governar seus negócios internos". Tratava-se de uma cidade pluralista, que reunia várias culturas, religiões, estilos de vida e filosofias, dando "a impressão de uma cidade em grande progresso econômico" (Hafemann, 2008, p. 281)[7].

A religião[8] constituía um fator importante na vida de Corinto. Foulkes relata que, em meados do primeiro século, a cidade era um "mercado livre religioso em que se propagava uma variedade de cultos e crenças" (Foulkes, 1996, p .54). As religiões tradicionais desenvolviam novas perspectivas de crenças e ritos ao mesmo tempo que religiões estrangerias ganhavam popularidade entre seus concidadãos.

[3] Cf. Pausanio (*apud*. Foulkes, 1996, p.39). "Os coríntios [...] se uniram à guerra contra os romanos [...] Quando estes ganharam, efetuaram o desarme total dos gregos e destruíram os muros de todas as cidades fortificadas. A cidade de Corinto foi arrasada".

[4] Cf. "A colônia coríntia é louvor Juliano" (Kistemaker, 2003, p.19).

[5] O'Connor (2011, p.454) apresenta uma posição distinta: "A reputação de Corinto como cidade do pecado por excelência se baseia na afirmação de Estrabo de que o templo de Afrodite tinha mais de 1000 prostitutas sagradas (Geogr. 8.6.20) e no uso do nome da cidade para formar palavras que denotam licenciosidade sexual, por exemplo, korinthiastês, "devasso", korinthiazesthai, "fornicar", korinthia korê, "prostituta". Essas palavras, entretanto, aparecem somente nas obras de escritores atenienses do séc. IV a.C. e nunca se tornaram parte da linguagem corrente".

[6] CF. Heyer (2009, p.94). "As escavações arqueológicas demonstram que, naquela época, a cidade contava também com uma sinagoga, onde se reunia uma pequena comunidade judaica" (Heyer, 2009, p.94). Para maiores informações sobre o judaísmo helenista, ver Foulkes (1996, p.56,57).

[7] Ver: "Corinto era, além disso, o local dos jogos ístmicos (1 Co 9.24-27), as competições mais importantes da Antiguidade depois dos Jogos Olímpicos" (Schnelle, 2010, p.236). A respeito dos jogos ístmicos, ver O'Connor, 2013, p.101,102. Sobre as mulheres nos jogos, ver Foulkes (1996, p.53,256).

[8] Cf. "Pausânias atesta para o século II d.C. altares e santuários de Poseidon, de Ártemis de Éfeso e do Dionísio de Corinto, um templo de Asclépio e santuários de Ísis e de Serápis" (Schnelle, 2010, p.236). "No sopé da fortaleza ficava o templo de Melicertes, patrono dos navegantes; seu nome é uma forma helenizada de Malcarte, a principal divindade de Tiro" (Bruce, 2003, p.242). Ver Foulkes (1996, p.54-58).

Com a incorporação ao Império Romano, os elementos religiosos começaram a mudar. "Os deuses antigos estavam desacreditados em seu rol de protetores do bem-estar do povo" (Foulkes, 1996, p. 54), dando lugar a religiões que visavam o bem-estar e respostas às necessidades pessoais. A busca por outras divindades que suprissem essa característica se dava através dos cultos de mistério. Esses cultos ofereciam a seus iniciados as respostas às suas indagações existenciais[9] e a proteção aos poderes malignos do universo. Entre os cultos mais destacados estava o de Ísis[10], uma deusa egípcia. "Embora Ísis tenha se introduzido no mundo greco-romano em companhia de seu consorte Serápis, foi ela a que um grande setor do povo acolheu como a deidade suprema do céu, mãe de tudo o que existe" (Foulkes, 1996, p. 54).

Há indícios de que havia pelo menos 26 lugares sagrados para o panteão greco-romano e os cultos de mistério (Pausânias *apud* Hafemann, 2008, p. 282). A astrologia era outro componente da crença dos coríntios, ampliando o alcance do antigo panteão grego. Nesse contexto, "os deuses eram identificados com certos planetas e estrelas, com o sol e a lua" (Foulkes, 1996, p. 55). Desse modo, o futuro estaria predeterminado pelo destino, cabendo às pessoas buscar redenção nas religiões de mistério.

As cartas endereçadas à comunidade cristã local refletem o contexto religioso acima esboçado, assim como o modo como o evangelho foi absorvido pelos cristãos da cidade[11].

Paulo chega a Corinto vindo de Atenas, no decorrer de sua segunda viagem missionária. A distância entre essas duas cidades é de aproximadamente 80 quilômetros (O'Connor, 2013, p. 110). O percurso é monumental e cheio de riquezas culturais e religiosas da Grécia Antiga[12]. Neste ponto, já se observa a realidade que Paulo iria encontrar em Corinto e a oportunidade de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. O'Connor descreve as possíveis abordagens suscitadas na mente do apóstolo durante seu percurso:

> A multidão apinhada e barulhenta da estrada por onde Paulo devia abrir caminho terá sido sua primeira experiência concreta do tipo de vida que levaria em Corinto [...] Corinto tinha mais atividade comercial do que podia suportar [...] Sem dúvida, Paulo se perguntava se um povo tão atarefado e tão ocupado, tão ansioso pelo lucro, teria algum tempo para ouvir sua mensagem (O'Connor, 2013, p. 101).

[9] "O atrativo dessas religiões de mistério residia na satisfação que conseguiam dar à sede de uma experiência pessoal intensa com o divino, e o consequente senso de liberdade da culpa e do medo" (Kelly, 1994, p.10).

[10] "Os ritos de Ísis convenciam a pessoa de que havia atravessado os portais da própria morte e voltara revivificada, protegida pela deusa a quem tinha visto face a face" (Kelly, 1994, p.10).

[11] Havia uma variedade de aglomerações religiosas que se uniam para celebrar "reuniões e datas especiais" (Heyer, 2009, p.95). Conforme as descobertas arqueológicas, os membros se reuniam para banquetes e rituais comunitários (Heyer, 2009, p.95). Isso, destarte, esclarece os problemas descritos por Paulo no corpo de sua epístola.

[12] Para melhores informações sobre o caminho e os elementos da religião ou história política da Grécia, ver O'Connor (2013, p.100).

Na semana dos jogos ístmicos de 49 d.C., estrangeiros marcariam presença na cidade, e os habitantes de Corinto prestariam serviço a eles. Com isso, os visitantes precisariam de tendas para ficar, e os coríntios levariam barracas para vender seus produtos (O'Connor, 2013, p. 101). Dessa maneira, Paulo poderia trabalhar para se manter, enquanto observava as circunstâncias favoráveis para pregar a Cristo.

A chegada de Paulo à cidade e a possibilidade de exercer sua profissão foram facilitadas pelo encontro com um casal de cristãos vindos de Roma e estabelecidos na cidade. Segundo a narrativa lucana, Paulo encontrara emprego nos negócios de Áquila e Priscila (At 18.2,3)[13], aproveitando a oportunidade para anunciar o Evangelho. "Enquanto Paulo fazia uma capa, uma sandália ou cinto, a conversa facilmente poderia se transformar numa instrução" (O'Connor, 2013, p.101). No entanto, a oficina de seus amigos permitia um trabalho ministerial muito limitado. Seria necessário um lugar mais abrangente. Lucas nos informa que aos sábados Paulo discorria sobre Cristo na sinagoga local (At 18.4). Quando encontrou oposição na sinagoga, o apóstolo dirigiu-se para os gentios (At 18.6).

Dentre aqueles que ouviram sua mensagem e creram[14], estava um dos líderes da sinagoga local, de nome Crispo, e, também, um homem chamado Tício Justo, dono de uma casa ao lado da sinagoga. A pregação de Paulo continua na casa de Tício, tornando-se ela, portanto, o primeiro local de reunião na cidade de Corinto. Bruce escreve: "Aqui, Paulo continuou a proclamar a salvação por meio do Cristo crucificado, e o número de convertidos cresceu rapidamente; incluía agora não só judeus e tementes, porém, também, uma proporção crescente de pagãos" (Bruce, 2003, p.244).

Hafemann (2008, p. 282) sugere que a comunidade de Corinto, sem ter um local para encontros públicos, como a sinagoga, reunia-se em várias casas[15]. Com base em escavações de casas em Corinto, ele indica que a comunidade podia ter cerca de cinquenta membros[16]. A reunião em grupos menores nas casas de diversos membros[17] permitia o crescimento da comunidade[18].

A comunidade deve ter sido constituída por pagãos atraídos à fé judaica e vinculados às sinagogas, bem como por pagãos que não pertenciam à crença judaica.

[13] Para maiores informações sobre Priscila e Áquila, ver O'Connor, p.103-106 e Bruce, p.243-245.
[14] Para mais informações sobre os primeiros conversos em Corinto, veja O'Connor, 2013, p.106.
[15] Schnelle salienta que a organização da igreja em grupos oferece uma contribuição para formação dos conflitos na comunidade. A fração de várias comunidades domésticas poderiam, portanto, favorecer a formação de grupos (Schnelle, 2010, p.238).
[16] Embora Paulo tenha trabalhado com êxito e formado uma comunidade cristã na cidade, não há muitos indícios que evidencie uma igreja grande em Corinto. Schnelle pontua: "O tamanho da comunidade inteira pode ser apenas objeto de especulações; ela deve ter contado em torno de 100 membros" (Schnelle, 2010, p.238). Ver também Becker, 2007, p.213-219.
[17] Cf. 1 Co 16.19; Rm 16.15; Cl 4.15; Fm 2.
[18] "O certo é que nenhuma outra comunidade paulina, que se saiba, causou à sinagoga perdas tão irreparáveis como a comunidade de Corinto" (Becker, 2007, p.216). Sobre o impacto da conversão de Crispo, chefe da sinagoga e o que isso acarreta para a comunidade corínthia, ver Becker (2007, p.217).

Esses últimos, contudo, sem ter o conhecimento das escrituras judaicas, traziam consigo a perspectiva politeísta de seu tempo. Com isso, fica evidente que tal diversidade pudesse conduzir a uma perda de unidade. "Como poderiam pessoas de tão diferentes contextos sociais e religiosos formar uma comunidade?" (Heyer, 2009, p.100). Essa pergunta ilumina as frequentes exortações do apóstolo à unidade. Heyer esclarece com razão:

> A comunidade incluía judeus que vinham frequentando a sinagoga regularmente desde sua juventude. Os mandamentos da Torá ocupavam o centro de suas vidas e consideravam a prostituição sagrada uma consequência abominável do culto aos ídolos. Por contraste, outros membros da comunidade cristã haviam considerado normal, até pouco tempo atrás, visitar o templo de Afrodite de vez em quando e ter relação sexual com uma das muitas prostitutas (Heyer, 2009, p. 100).

Outra questão que se manifestava na comunidade era a realidade social de Corinto. A cidade desfrutava de boa prosperidade e muitos de seus habitantes enriqueceram mais do que outros. A diferença entre ricos e pobres se reflete na comunidade e poderia ser um perigo à igreja. O relato sobre a Ceia e as admoestações do apóstolo são provas cabais nesse quesito (1Co 11).

O'Connor apresenta alguns motivos que teriam levado os coríntios a acolher o evangelho proclamado por Paulo. Primeiramente, Paulo não utiliza linguagem retórica com a finalidade persuadir seus ouvintes. Seu discurso limita-se ao Cristo crucificado (1Co 2.2,3). Em seguida, o paradoxo de um salvador crucificado provocaria grande impacto na sociedade coríntia. O'Connor esclarece:

> A mensagem central do Evangelho, a de que o salvador do mundo morreu sob tortura, foi ao encontro das contradições vitais de tais pessoas. Embora classificados como fracos, tinham consciência de seu próprio poder e assim puderam entender, sem dificuldade, a ideia revelada na vida de Cristo, como também na de Paulo, de que 'o poder de Cristo se manifesta na fraqueza' (2 Co 12.9). Para eles o cristianismo deu sentido à ambiguidade de suas vidas e, ao mesmo tempo, os inseriu numa sociedade comprometida, valorizados. Deu-lhes o esperado espaço em que podiam florescer em liberdade (O'Connor, 2013, p. 108).

O'Connor cita como exemplo o caso de Erasto, mencionado três vezes no NT (At 19.22; Rm 16.23; 2 Tm 4.2). Ele era um cidadão romano e tinha um cargo público. A ausência do nome de seu pai na inscrição que mandou gravar para si, encontrada perto do teatro, sugere que ele teria sido um escravo. Como tal, ele nunca se sentiria totalmente à vontade diante de cidadãos livres por nascimento. As pessoas poderiam vê-lo não como um funcionário importante, mas apenas como um ex-escravo. "Como outros de sua classe, o estigma de sua origem de escravo apagava qualquer satisfação que uma vida agradável pudesse proporcionar" (O'Connor, 2013, p.107). Qual a

esperança para pessoas desse nível?[19] O Evangelho da cruz, no entanto, era a esperança para pessoas marginalizadas.

Foulkes resume com precisão:

> A estratégia que Paulo desenvolveu o colocava junto à grande massa de pessoas, consistente com a sua mensagem sobre Jesus Cristo, que encarnou o projeto de Deus no mundo, identificando-se de tal forma com os humildes que foi levado crucificação pelos poderes deste mundo (Foulkes, 1996, p. 58-59).

A proclamação do Cristo crucificado, porém, não resolveu todos os problemas da igreja. Esses problemas se originavam da diversidade cultural e social existente entre seus membros, bem como das atitudes de certos indivíduos. Essa situação demandou a intervenção de Paulo em suas cartas endereçadas à comunidade. Algumas dessas controvérsias serão descritas a seguir.

2. Os problemas na igreja de Corinto

Devido à diversidade religioso-cultural no seio da comunidade, decorrente da conversão de pessoas vindas das diversas matrizes religiosas e do judaísmo, muitos dos hábitos vivenciados pelos membros da igreja antes de se tornarem cristãos transformaram-se em problemas para Paulo. Toda experiência típica de quem havia vivido no mundo pagão, por consequência, formava um ambiente propício para a degradação do Evangelho. As diferentes cosmovisões dos membros e os cultos de mistério existentes na cidade provocaram tensões de cunho ético, teológico e social.

Após a saída de Paulo de Corinto, a situação na comunidade começa a mudar. A relação de Paulo com a igreja se torna um pouco tensa, deteriorando-se. Gordon Fee pontua que um sentimento *antipaulino* se instalou na igreja, infectando quase todos da comunidade. A autoridade de Paulo foi contestada e havia dúvidas se, de fato, ele era um *pneumatikós*, isto é, uma pessoa do Espírito (Fee, 2019, p. 9).

Paulo ficou ciente dos problemas na igreja por pessoas da casa de Cloé (1 Co 1.11). Elas relatam a realidade da igreja e as divisões. Paulo ficou perplexo. O relatório apresentava informações pertinentes aos grupos[20] e aos personagens em torno desses grupos. Em suas falas, uns diziam ser de Paulo, outros de Apolo e outros de Cefas. Havia também quem se dizia parte do grupo dedicado a Cristo[21] (1 Co 1.12).

Os grupos formados em Corinto eram resultado da influência de certos líderes na comunidade em que o batismo era determinante para a inclusão em cada grupo. "Parece

[19] Para mais informações, ver O'Connor (2013, p.107-108).

[20] Para maiores informações sobre os grupos, veja O'Connor (2013, p.176,177); Bruce (2003, p.249-253); Schnelle (2010, p.242-254).

[21] Neste ponto, há discordâncias entre os eruditos. Schnelle aponta que "não é possível reconhecer alguma acentuação dentro da enumeração, de modo que não se deve contar em Corinto com um 'partido de Cristo'" (Schnelle, 2010, p.242). Isto, todavia, deveria ser entendido como exagero retórico por Paulo "para levar assim a formação de grupos *ad absurdum*" (Schrage *apud* Schnelle, 2010, p.242 - nota de rodapé).

que o relacionamento especial de alguns membros da comunidade com as pessoas que os batizaram levou a uma divisão do corpo de Cristo que atingia a comunidade inteira" (Schnelle, 2010, p.243). Os membros batizados entendiam o batismo como uma iniciação em uma *"sabedoria pneumática"* intermediada pelo batizador[22].

O grupo associado a Cefas, sugerido por alguns (Dunn, 2012, p. 907), via Pedro, o apóstolo da circuncisão, como uma autoridade mais caracteristicamente judaica, servindo como modelo e precedente. Isso fortalecia a abordagem judaica do grupo, embora com menos influência na comunidade. Surgiu então o questionamento se Pedro tenha visitado ou não Corinto após a partida de Paulo.

No entanto, como apresentado por Köster (1988, p. 632), Paulo não polemizava com os partidos e nem aponta suas falhas diretamente[23]. Sua ação concentrava-se em supor que os grupos e as condutas dos denominados "fortes" (1 Co 4.10) estavam interligados. Nisso, percebia-se a influência dos chamados *pneumáticos*[24] e as consequências de suas ações dentro da comunidade.

O problema, portanto, era intensificado pelo abandono da mensagem do Cristo crucificado por uma sabedoria autossuficiente, "pretendidamente pneumática, mas na realidade muito humana» (Bornkamm, 1979, p. 114). Segundo alguns estudiosos, a centralidade dos *"pneumáticos"* dava-se no grupo chamado de Cristo. Conforme O'Connor, "esta é a mais misteriosa facção. Os ultras espirituais podem ter repudiado a mediação da igreja ou do querigma e feito a profissão de lealdade diretamente a Cristo" (O'Connor, 2011, p.457). De acordo com as informações contidas na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, esse grupo seria o maior causador das divergências na igreja[25].

O perigo que percorria a comunidade era a emergência do que poderia ser denominado, segundo a proposta de Bornkamm (1979, p. 115), de "iluminismo"[26]. Neste contexto, "os carismáticos [pneumáticos] presumem perante os demais de haver alcançado já o estado dos perfeitos e de estar em posse do 'espírito' e do conhecimento (1 Co 2.6; 3.1-4; 8.1)" (Bornkamm, 1979, p. 115). Este conhecimento não era apenas cognitivo, mas revelacional, à semelhança das religiões de mistério e da gnose. Neste ponto, o processo de revelação disponibiliza ao ser humano as forças do divino e a libertação do poder do destino e da morte.

Para muitos estudiosos, o ponto central dos problemas da comunidade diz respeito à influência do pensamento grego. Alguns sugeriram que os coríntios poderiam estar

[22] Schnelle, citando B. W. Winter assinala: [Winter] "vê o pressuposto cultural-histórico da existência de partidos em Corinto no vínculo e na obrigação particulares do aluno em relação ao mestre, da mesma maneira como eram exigidos e cultivados especialmente entre os sofistas" (Schnelle, 2010, p.242 - nota de rodapé).

[23] Dunn indica que o verdadeiro problema da comunidade é o partidarismo. "É uma luta pelo poder, não uma controvérsia teológica [...] O objetivo de Paulo não é refutar nenhuma heresia, senão evitar um confronto (*stasis*)" (Dunn, 2012, p.910).

[24] Para detalhes sobre os chamados *pneumáticos* (espirituais), veja O'Connor (2013, p.180-184).

[25] Para uma análise contrária, ver Dunn (2012, p.907).

[26] O termo "iluminismo" não se refere ao movimento histórico do Iluminismo (séculos XVII-XVIII), mas a uma forma de revelação e conhecimento que desafia a unidade e coesão da Igreja, conduzindo a divisões e questionamentos dos ensinos apresentados por Paulo.

influenciados por ideias gnósticas.[27] Neste sentido, pode-se observar o terreno preparado no qual as sementes do *gnosticismo*[28] do segundo século viriam a germinar, provocando diversas discrepâncias na igreja primeva[29]. Apesar de não haver indícios definitivos de *gnosticismo* posterior, princípios *anteriores* poderiam ser detectados no exercício dos *pneumáticos* ao influenciar a igreja de Corinto, causando assim as desordens relatadas a Paulo pela casa de Cloé. Köster pontua:

> Não seria falso designar os adversários de Corinto (os 'fortes' entre os membros da comunidade) como gnósticos ou proto-gnósticos se, com isto, se pretende descrever sua autoconsciência. Não cabe, contudo, buscar por trás de suas concepções uma doutrina gnóstica, tal como a encontramos nos sistemas do s. II. Esses coríntios entendiam possuir uma especial sabedoria divina, cuja transmissão ligavam aos apóstolos (Köster, 1988, p. 622).

Goppelt também acreditava que os adversários de Paulo em Corinto fossem *os precursores do movimento gnóstico* (Goppelt, 2002, p. 287,288). Sua observação é digna de nota:

Na primeira epístola aos Coríntios, Paulo batalha contra os precursores do movimento gnóstico [...] O gnosticismo separava Jesus do Deus do AT e o interpretava erroneamente como redentor helenista, apesar de aceitar tradições do judaísmo antigo com a mesma naturalidade com que se recebia tradições helenistas. Os gentílicos-cristãos corriam o perigo de se verem transformados numa religião sincretista. Isso só podia ser evitado se fosse possível associar teologicamente numa unidade a aparição de Jesus com o AT (Goppelt, 2002, p. 287-288).

Ainda que essa posição fortaleça a perspectiva da disputa de Paulo com gnósticos[30] que estariam, de fato, maculando a construção teológica da comunidade, existem opiniões divergentes a esse respeito[31]. "Não há provas satisfatórias de que o problema predominante que Paulo enfrentava era o gnosticismo" (Carson, 1997, p. 311), salienta Carson em uma de suas posições sobre os adversários de Paulo.

Há, todavia, quem veja a influência do pensamento sapiencial judaico-helenista[32] como formador dos problemas da comunidade, eliminando assim o problema gnóstico. Schnelle (2010, p.250) pontua alguns elementos dessa influência. Segundo ele, a

[27] Para mais detalhes, ver Fee (2019, p.13); Dunn (2012, p. 68).

[28] Veja, contudo, a definição de Bultmann Bultmann (2008, p.221,222) sobre a origem do gnosticismo: "O movimento gnóstico se concretizou em toda sorte de seitas batistas na região do Jordão [...] Ao que parece, ele atingiu vários cultos locais na Ásia Menor e - na forma de cultos de mistério -, confundiu-se com eles num processo sincretista, onde, por exemplo, o redentor foi identificado com o deus Átis dos mistérios da Frígia. Desse modo, o movimento também se infiltrou nas comunidades cristãs ou comunidades gnósticas também adotaram temas cristãos".

[29] Um clássico exemplo é a disputa de Irineu contra os gnósticos. Cf. Lião, Irineu de, *Contra as heresias: Denúncia e refutação da falsa gnose*. São Paulo: Paulus, 2016.

[30] Para detalhes sobre a perspectiva de Bultmann quanto à influência do gnosticismo no cristianismo, ver Bultmann (2008, p. 217-238).

[31] Cf. Bruce: "Seria anacrônico dizer que esses "homens do Espírito" eram gnósticos; este termo deve ser reservado para os adeptos de várias escolas de gnosticismos que floresceram no segundo século d.C." Bruce (2003, p.251). Contudo, para informações sobre uma data mais antiga do gnosticismo, ver Kelly (1994, p.17-20).

[32] Cf. Schnelle (2010, p.251). "A influência do pensamento sapiencial judaico-helenista era reforçada pela alta estima do sábio/da sabedoria, pré-estabelecida na história cultural da tradição intelectual greco-romana".

teologia da *sofia* em 1 Co 2.6-16, o dualismo de *sarx* versus *pneuma*, a desvalorização do corpo em 1 Co 6.12-20 e a ideia dos dois seres humanos primordiais em 1 Co 15.45 ilustram esse fato.

Nisso, a linguagem usada pelos *pneumáticos* "adota a distinção feita por Filo de Alexandria entre o homem celeste e o homem terrestre" (O'Connor, 2013, p. 180), e segundo O'Connor, Apolo pode ter sido o responsável pela disseminação desse sistema filosófico na comunidade durante sua estadia na cidade[33].

Contudo, essa abordagem é questionável. Certamente, na teologia paulina, existem vários aspectos que podem remeter aos escritos do judaísmo helenístico. Mas é necessário questionar se o contexto da comunidade coríntia foi mais influenciado pelo judaísmo ou pelo paganismo grego. Sobre isso, Carson assinala que é "totalmente improvável que os leitores que Paulo queria alcançar fossem judeus em sua maioria" (Carson, 1997, p. 313). A fonte mais provável de influência na comunidade é o próprio paganismo grego, o que levanta outras questões.

Uma das propostas levantadas para entender os adversários de Paulo é que seus opositores se apoiavam no movimento sofista.[34] A "segunda sofística" teve início no século I d.C. "Ela se caracterizou por retóricos cuja habilidade e treinamento na oratória atraíam a admiração pública" (Carson, 1997, p. 314)[35]. Sem excluir Corinto, sua influência no mundo mediterrâneo foi profunda. "Eles se consideravam sábios, as fontes da sabedoria" (Carson, 1997, p.314). Talvez isso explique a importância dada a Apolo na comunidade de Corinto e as admoestações de Paulo descritas nos capítulos 1-4 de sua primeira carta canônica à comunidade.

A reação de Paulo a seus opositores

Algo ocorreu entre a estadia de Paulo na cidade e a sua carta canônica à comunidade. Conforme discutido anteriormente, desenvolveu-se uma oposição à autoridade de Paulo dentro da comunidade, com dúvidas surgindo em relação ao seu evangelho. Não é apropriado, contudo, falar de "adversários" nesse primeiro momento vindos de fora. A oposição é liderada por pessoas de dentro da igreja (1 Co 15.12; cf. 4.18), promovendo um verdadeiro sentimento *antipaulino* na comunidade e tornando a situação desagradável para o apóstolo (Fee, 2019, p. 8-9).

Segundo Fee (2019, p.11), os insurgentes estavam modificando seu evangelho, tornando-o mais próximo do helenismo. Eles consideravam o conteúdo de sua pregação

[33] Scnhelle elenca alguns pontos contrários a essa tese: "1) A teologia do cristão alexandrino Apolo (At 18.24) é desconhecida, de modo que todas as determinações mais concretas são meramente hipotéticas. 2) Se fosse Apolo que tivesse provocado o conflito entre Paulo e os coríntios, dificilmente poderia ser explicado por que Paulo não o critica, mas o aceita como missionário autônomo e de posição igual (1 Co 3.5,8). 3) Segundo 1 Co 16.12, Paulo adverte Apolo várias vezes a viajar novamente para Corinto" (Schnelle, 2010, p.251 - nota de rodapé). Desse modo, fica patente o respeito de Paulo por Apolo e a confiança em seu trabalho ministerial.

[34] Para mais detalhes, ver Carson (p.314); Blomberg (2019, p.231).

[35] "Foi o poder que possuíam de estender-se sobre o assunto, de declamar em assembleia pública, de falar convincentemente e de acordo com rígidas convenções em contextos legais, comerciais, religiosos e políticos que granjeou-lhes reconhecimento".

como "leite para bebês", enquanto eles mesmos "haviam progredido para um alimento mais estimulante feito para os 'maduros'" (Fee, 2019, p. 9). Nesse sentido, era necessária uma resposta à altura. Surge, desse modo, a primeira carta de Paulo aos Coríntios.

A carta de Paulo aos Coríntios é intensa. Após sua saída da cidade e ao estabelecer-se em Éfeso, Paulo inicia uma série de diálogos com a igreja através do uso de correspondências. Os eruditos não concordam quanto ao número exato de cartas enviadas, mas há grande consenso sobre a diversidade de escritos produzidos pelo apóstolo e direcionados à comunidade[36].

Durante o tempo em que passou em Éfeso, Paulo escreve uma carta à igreja, advertindo-os sobre os problemas da imoralidade (1 Co 5,9). Esta carta é conhecida como Coríntios A e se perdeu. Contudo, alguns estudiosos acreditam ser possível que partes dela tenham sido preservadas em 2 Co 6.14-7.1 (Heyer, 2009, p.98)[37]. No entanto, isso ainda é bastante hipotético. Kümmel (1982, p.357), por outro lado, enfatiza que a epístola "anterior" não sobreviveu, eliminando assim qualquer uso de outras cartas para fundamentar a carta perdida.

O propósito de Coríntios A causou certa turbulência na comunidade. A igreja reage à carta e expõe a Paulo uma série de questionamentos por meio de uma outra missiva enviada por três membros da igreja[38]. Assim, informado pelas pessoas da casa de Cloé e pela carta de Corinto, Paulo escreve sua segunda epístola à comunidade, tentando elucidar os problemas relacionados à sua pessoa e expor seu posicionamento sobre os problemas ali enumerados. Esta segunda carta é conhecida como a 1 Epístola aos Coríntios (na ordem bíblica) e pode ser denominada de Coríntios B. É necessário examinar as temáticas teológicas abordadas por Paulo e suas implicações diante da oposição levantada contra ele.

Segundo O'Connor, a escrita de 1 Coríntios tem o objetivo de ridicularizar os pneumáticos. Além de responder às perguntas da carta enviada pela igreja ao apóstolo, sua intenção também é desmistificá-los num jogo intelectual que visa reduzi-los à vergonha e ao silêncio. Isso é claro nos primeiros quatro capítulos da carta, onde Paulo responde aos seus críticos apropriando-se das mesmas expressões utilizadas por eles, dando-lhes um significado radicalmente oposto (O'Connor, 2013, p.183). Ou, nas palavras de Fee, "despertá-los para a realidade" (Fee, 2019, p. 146).

No capítulo 1, logo após sua saudação inicial, já se observa um contraponto com

[36] Para mais informações sobre a construção literária e a divergência dos estudiosos sobre a quantidade de cartas enviadas à igreja de Corinto, ver Brown (2012, p.677-682); Kümmel (1982, p.354-359).

[37] Cf. Heyer (2009, p.96): "É possível que essa carta não tenha sido perdida completamente. Na segunda carta 'canônica' aos Coríntios, há uma passagem que não se encaixa bem na argumentação. Paulo pede acolhida para si mesmo e para os outros (2 Co 6.13; 2 Co 7.2). Repentinamente, interrompe esse argumento e aborda um tema completamente diferente".

[38] Bruce sugere que Paulo não apenas enviava cartas, mas também recebia. No entanto, nenhuma delas foi descoberta pela arqueologia o que, de fato, dificulta a compreensão da intensão dos autores das cartas. Mas, através dos indícios das epístolas de Paulo, alguns pontos dessas cartas podem ser clareados: 1) Observância das tradições; 2) perguntas sobre o casamento; 3) perguntas sobre alimentos; 4) perguntas sobre dons espirituais e 5) perguntas sobre o fundo de ajuda para Jerusalém. Para mais informações sobre os detalhes e conteúdos da carta enviada a Paulo pela igreja, ver Bruce (2003, p.257-264).

a *sophia* (sabedoria) pregada pelos seus opositores e a verdadeira *sophia* revelada pelo Espírito. Os coríntios pensavam estar na posse da *sabedoria* que os tornava *perfeitos* pelo fato de participarem do Espírito. Eles buscavam um líder cujas habilidades retóricas atraíssem respeito social, e Paulo, contudo, os decepcionava (Wright, 2018, p.280). Aqui, Paulo contrapõe a sabedoria do mundo à mensagem do Cristo crucificado, enfatizando que não chegou a eles com palavras de sabedoria, mas com a demonstração do poder do Espírito (2.4). O contraste é nítido: a verdadeira sabedoria divina é revelada pelo Espírito e aponta para Cristo. Assim, é na relação pneumatológica que se desvela o caráter cristológico da *sophia* divina.

A sabedoria do mundo não reconhece o Crucificado; para ela, Cristo é loucura (1.23). Essa perspectiva mundana não revela o caráter de Deus manifestado em seu Filho e não se harmoniza com seu agir. Se os poderosos tivessem conhecido a sabedoria divina, jamais crucificariam o Senhor da Glória (2.8). Essa verdadeira sabedoria é concebida pelo Espírito, que revela os desígnios ocultos de Deus (2.10) e capacita os seres humanos a discernir as coisas do Espírito (2.14,15). Assim, a ação de Deus na história se concentra na cruz do Filho, que revela a *sophia* divina ao demonstrar como o Deus de Israel que vence a morte através da morte do Messias Crucificado (15.20ss). Para os gregos, a ideia de um Cristo crucificado pode parecer loucura, mas Paulo interpreta essa loucura como a manifestação da sabedoria divina no Messias de Israel. É aqui que Paulo deseja instruir e exortar sua igreja: eles devem buscar a sabedoria de Deus, que está intimamente ligada a Cristo e sua cruz.

Paulo confronta os coríntios diretamente com suas próprias contradições. Embora se considerassem espirituais, na prática, mostravam arrogância e soberba. Pensavam estar plenos, poderosos (4.8). Criam ser sábios e honrados (4.10), até mesmo se sentiam como reis (4.8). No entanto, não passavam de crianças imaturas (3.1). Apesar de se proclamarem guiados pelo Espírito de Cristo, como então justificar as práticas imorais que ocorriam na comunidade (5.1ss)?

Os oponentes questionavam se Paulo deveria ser considerado um *pneumático* ou um profeta (14.37). Com arrogância, desprezavam seu evangelho como simples "leite para bebês", enquanto se consideravam avançados, prontos para uma comida espiritual mais substancial. Paulo reage ironicamente à suposta maturidade dos coríntios, afirmando que ele trouxe sabedoria entre os "perfeitos" (2.6), mas precisou lhes dar apenas leite espiritual (3.1). Ele os acusa de serem carnais (3.3) e não suportar os alimentos sólidos (3.2).

Diante disso, como não se perguntar se poderiam ser denominados de *pneumáticos* aqueles que estavam andando *segundo os homens* com contendas e ciúmes (3.3)? Paulo inverte a percepção deles, questionando se, agindo assim, os coríntios poderiam verdadeiramente ser considerados espirituais. Contudo, Paulo evita acusá-los de não terem o Espírito (Fee, 2019, p. 146). Por esse motivo ele não os

chama de *psychikoi* (2.14), mas de *sarkikoi*[39]. A grande sabedoria requerida por eles não passava de imaturidade carnal.

As divisões na comunidade são evidências claras dessa imaturidade. A chegada de Apolo em Corinto acentuou essas divisões, com alguns preferindo o sábio de Alexandria a Paulo. Paulo rebate essa preferência perguntando quem é ele e quem é Apolo (3.5). Ele enfatiza que todo crescimento na obra missionária é resultado da ação divina e não deve ser atribuído a personalidades humanas. O fundamento de tudo é Cristo (3.11), e a construção sobre esse fundamento será testada no futuro pelo fogo (3.14).

Ou seja, não importa o personagem que edifica, mas o que importa é o fundamento sobre o qual se constrói. Paulo, desse modo, desmorona a altivez coríntia de disputar líderes, advertindo-os de serem o edifício de Deus no Espírito (3.16). Há aqui uma redefinição da teologia do templo do Antigo Testamento, estabelecendo a igreja como o novo templo, lugar da habitação de Deus pelo Espírito (Wright, 2018, p. 281). No entanto, eles estavam divididos, e Paulo admoesta-os afirmando que Deus destruirá quem destruir seu templo (3.17). Assim, a briga por preferência de líderes revela a face do espírito cismático e não de quem é dirigido pelo Espírito de Cristo, e isso, portanto, depõe contra as exigências de serem pneumáticos.

Paulo os reprova severamente, mas seu intento é adverti-los como filhos amados. Para tratar melhor os desvios na comunidade, ele alerta que fará uma visita e conhecerá não somente a palavra, mas o poder dos que se ensoberbeceram. Ele finaliza essa parte da carta com uma pergunta séria: *"Que preferis? Irei a vós outros com vara ou com amor e espírito de mansidão?"* (4.21)

A carta, portanto, é basicamente um confronto com a congregação. É a resposta paulina reagindo às acusações de não ser um pneumático e a defesa do seu evangelho em face da arrogância de alguns da comunidade. *"Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado"* (14.37,38) pontua Paulo em uma de suas autodefesas.

Conclusão

O presente artigo investigou a oposição a Paulo na comunidade de Corinto no texto canônico de 1 Coríntios. Identificou-se o que seria o ponto central de influência na comunidade. No caso, seguiu-se algumas linhas recentes de pesquisa, a partir do pensamento grego de tipo sofista. Investigou-se o que caracterizaria um "pneumático". Os coríntios acusavam Paulo de não o ser e contestavam seu evangelho por conta disso. Criam estar na posse da sabedoria que os tornava perfeitos pelo fato de participarem do Espírito. Reduziam, assim, seu evangelho a "leite para bebês", enquanto eles acreditavam ter progredido para um alimento mais maduro.

Para tratar com a igreja, Paulo escreve uma primeira carta (Coríntios A) advertindo-

[39] Para mais detalhes sobre o uso de *sarkikoi* em Paulo, v. Fee (2019. p.146).

os sobre os problemas da imoralidade. Essa carta é contestada, causando turbulência na comunidade. A reação da igreja é notória ao enviar outra carta ao apóstolo com perguntas sobre diversas temáticas. Paulo decide, destarte, escrever sua segunda carta para a igreja (Coríntios B / 1 Coríntios), reunindo as informações dada pelos da casa de Cloé sobre a igreja e a missiva endereça a ele. A pesquisa identificou que o propósito desta carta era despertá-los para a realidade. Isso não soou bem na comunidade, intensificando os conflitos, como bem sugere sua visita dolorosa, feita logo em seguida à comunidade, e suas subsequentes cartas enviadas.

Destaca-se um contraponto entre a *sophia* divina e a *sophia* mundana e a busca pela retórica e oratória por parte da comunidade. Paulo, nesse caso, era-lhes decepcionante. Como resposta, o apóstolo destaca a verdadeira *sophia* como sabedoria pneumatológica. Ele pontua que a verdadeira sabedoria aponta para o Crucificado, desvelando o agir de Deus na história e alcançando seu clímax na cruz. A sabedoria do mundo jamais chegaria a tal conclusão, pois a sabedoria de Deus é revelada pelo Espírito de Deus.

Outra reação de Paulo é a exposição da arrogância de alguns membros da comunidade que se consideravam perfeitos. O apóstolo os expõe ironicamente, afirmando tratá-los não como pneumáticos, mas como crianças, dando-lhes leite para beber. Isso desmistifica a pretensa sabedoria reivindicada pelos coríntios como imaturidade carnal.

A carta é um confronto com a congregação e uma defesa de seu evangelho. É a advertência irônica de que os coríntios não passavam de crianças e que a sabedoria que tanto exigiam era deste mundo e não revelação do Espírito de Cristo. Seu propósito seria adverti-los como filhos amados, prometendo fazer-lhes uma visita. Ele sinaliza que conhecerá não apenas a palavra dos opositores, mas o poder dos que se ensoberbeceram. Com isso, Paulo admoesta: *"Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado"* (1 Co 14.37-38).

Referências

BECKER, Jürger. *Apóstolo Paulo*: vida, obra e teologia. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

BLOMBERG, Craig L. *Introdução de Atos a Apocalipse*: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BORNKAMM, Günther. *Pablo de Tarso*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BRUCE, F. F. *Paulo*: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2008.

CARSON, Donald A.; MOO. Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DUNN, James. *Comenzando desde Jerusalén*. Tomo II, vol. 1. Navarra, Espanã: Editorial Verbo Divino, 2012.

DUNN, James. *Comenzando desde Jerusalén*. Tomo II, vol. 2. Navarra, Espanã: Editorial Verbo Divino, 2012.

FEE, Gordon D. 1 *Coríntios*: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2019.

FOULKES, Irene. *Problemas pastorales en Corinto*: comentario exegetico-pastoral a 1 Corintios. San José, Costa Rica: DEI, 1996.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002.

HAFEMANN, Scott J. *Coríntios*: carta aos in dicionário de Paulo e suas cartas. São Paulo: Paulus, 2008.

HEYER, C. J. den. *Paulo*: um homem de dois mundos. São Paulo: Paulus, 2009.

KELLY, John. Norman Davidson. *Patrística*: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994.

KISTEMAKER, Simon. J. *1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

KÖSTER, Helmut. *Introduccion al Nuevo Testamento*: historia, cultura y religión de la época helenística e historia y literatura del cristianismo primitivo. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

O'CONNOR, Jerome M. *Paulo de Tarso*: história de um apóstolo. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

O'CONNOR, Jerome M. *Novo comentário bíblico São Jerônimo*: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2011.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulus, 1982.

SCHNELLE, Udo. *Paulo*: vida e pensamento. Santo André, SP: Academia Cristã, 2010.

WRIGHT, N. T. *Paulo*: uma bibliografia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.